

O Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário * 12 de Outubro de 1985 * Ano XLII — N.º 1085 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



DUAS DATAS

Ocorrem este mês duas datas que importa lembrar. A mais tardia, 23 de Outubro, é a primeira porque a do nascimento para a vida deste mundo — princípio da Vida que desde logo se vai projectando na Eternidade.

Noventa e oito anos perfaz Pai Américo LÁ onde o tempo não se conta. Nós é que ainda o contamos; e por isso vivemos já na expectativa do centenário que queríamos celebrar com a profundidade e a simplicidade que Pai Américo teve o dom de conciliar tão harmoniosamente no seu ser e no seu agir.

A profundidade, sim, que o levou às raízes de grandes problemas que ferem os homens pela via do conhecimento directo, da comunhão, do sofrimento partilhado, moeda que não se desvaloriza e pode muito. Tanto que tudo quanto Pai Américo fez e fez fazer, foi com estas armas pacíficas que se não fabricam nos arsenais mas se recebem do Evangelho.

Profundidade, sim, que deu à sua voz humana o timbre veemente dos profetas e lhe permitiu contagiar muitos outros, acordando-os da sua sonolência, libertando-os do fatalismo tentador que mergulha os pusilânimes na inércia.

«Pobres, sempre os tereis convosco...» — assim falou Jesus. Mas não o disse para que os homens Lhe respondessem: Amen. Não! Foi uma advertência, um sinal de alerta, um desafio dirigido aos Seus discípulos a uma luta incessante, para que os Pobres fossem cada vez menos e cada vez menos pobres.

Os primeiros cristãos escutaram e exercitaram a Palavra do Senhor: Os que tinham bens, despojavam-se deles e punham o seu valor aos pés dos Apóstolos e estes repartiam. De tal modo que «não havia necessitados entre eles». Havia, sim, uma grande alegria, portadora do grande testemunho que abalou a incredulidade dos pagãos: «Vede como eles se amam!»

No princípio da era cristã foi assim, quando a Igreja era aquele punhado de discípulos

em roda de Jerusalém. Mas nunca os Pobres deixaram de ser preocupação da Igreja. Nem há momento dos seus dois mil anos de existência em que, no Seu seio, faltasse gente consagrada ao serviço deles.

Pai Américo bebeu desta seiva. Não era um sentimento superficial que o movia, mas a ressonância daquela inquietação bi-milenária. Foi esta a sua escola: Para ir aos Pobres é necessário, antes, adquirir um coração de Pobre. Eis a sua primeira decisão que havia de culminar no voto de Pobreza feito nas mãos do seu Bispo ao receber dele o sub-diaconado.

«Felizes os pobres em espírito porque deles é o Reino dos

Céus.» «Felizes os mansos porque possuirão a Terra.» E os mansos de que Jesus falou no Sermão da Montanha não são os mansinhos, mas os que não voltam a cara à luta e brandem as armas pacíficas que o Evangelho entrega aos que n'Ele creem, para que cada um se domine e assim se torne apto à conquista da Paz. Um caminho exigente, sim, mas muito simples. Aliás, a simplicidade é a expressão da profundidade.

Ora aqui está um apontamento que pode ajudar-nos a encontrar pistas para que a celebração do centenário de Pai Américo tenha alma antes

Cont. na 4.ª pág.

NOTAS da QUINZENA

■ Ao lado dos que têm carências de bens e despertam urgência de ajuda, aparecem os que fazem da mendicância a sua profissão. Pobres de bens e carenciados de equilíbrio espiritual e força moral. Umas vezes os vícios; outras, a degradação material levou-os a uma vida de expedientes.

Pois não está bem e, dentro do consenso geral, nasce uma certa e natural revolta. Porém, quantas atenuantes... E que espírito de compreensão para compreendermos tantas situações e até, sem dúvida, irmos ao fundo de cada caso e partir dali na ajuda a cada problema!

Como achega e para melhor reflexão, não há muito recebi um telefonema sobre uma família a viver numa barraca imunda. Fui ver. Fiquei impressionado e começamos a dar

ajuda. Propusemos o internamento dos filhos e filhas. Os pais, que não. Logo a seguir, encontrei-os a mendigar nas ruas do Porto e soube que tinham uma casa razoável. A barraca é o chamariz — finca-pé de seus expedientes.

Tantas famílias como esta afogaram os direitos e os deveres! Falta uma ordem que os reintegre e lhes dê a razão de viver.

Uma ordem? Pois.

Este pai não trabalha porque não quer. Na sua aldeia tem terras a dar cardos.

Os filhos pedem e roubam com a permissividade das Autoridades. «São menores...»

As filhas mais velhas já passam do pedir à prostituição. Não tiveram outra escola.

Culpas?

Primeiro, a sociedade não se preocupou que a família tivesse descido da província — sem rumo, sem emprego e sem bens. Depois, permitiu que estes pais abandonassem os filhos à mercê dos dias e das ruas.

Que faz o «agente» quando vê um carro mal estacionado? Intervém.

Quanto vale uma criança? E uma família?

Cont. na 4.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«Não é muito difícil encontrar-se em qualquer parte um senhor muito bem encadernado e vai-se a ver e ele não sabe falar. E escrever, isso então é que é!» (Pai Américo)

O senhor ministro queixou-se, mais não dizendo do que aquilo que todos mais ou menos sabem. A Educação vai muito mal no nosso País, não tanto pelo lado material das coisas, em nossa opinião, mas sobretudo pela qualidade do ensino ministrado, a degradar-se dia-a-dia.

Numa visão demagógica das coisas entendeu-se por bem diminuir a qualidade, esquecendo-se que a igualdade de oportunidades em nada se opõe, antes exige aquela. Acabar com as «elites» foi e é slogan de alguns, como que a nivelar por baixo, gerando a mediocridade ou a incompetência.

Somos de facto uma Nação pobre em todos os sentidos. E um dos sinais da pobreza é a incultura ou ignorância da maioria da população. Reformular todo o sistema educativo é, pois, uma exigência basilar para um progresso real e eficaz do nível de vida geral.

Há que reformar ou refundir os programas, preparar professores competentes e dedicados ao bem comum, que isto de gente sem apetência moral e profissional incumbida de educar a juventude é uma pra-

ga malfazeja, que só olha para os seus interesses e em nada contribui para instruir e formar as futuras gerações. Que nos perdoem os agentes de ensino, a todos os níveis, que os há com ideal e cumprindo com os seus deveres.

A maioria dos jovens é de

Cont. na 3.ª pág.



O pão da Casa do Gaiato de Lisboa — ou doutras Casas do Gaiato — a sair do forno, tostadinho, cozido por eles, pela mão deles, aquece o corpo e a alma de muitos que foram, ontem, «Lixo das ruas». Abençoado pão!

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

OUTONO — Mais uma estação do ano! Os dias e noites arrefecem e estas são cada vez maiores. As folhas das árvores caem por toda a parte, e os nossos «Batatinhas» apanham-nas depois da Escola.

O frio ganha aos poucos. Choverá, com certeza. Virão os dias em que nos saberá bem estar dentro de casa, à lareira, enquanto os carrinhos de gelados, nas cidades, serão substituídos pelos das castanhas assadas. Também as comeremos assadas e cozidas, que assim também são boas. Os nossos estudantes foram para Coimbra, para mais um ano escolar, e esperamos que saibam aproveitá-lo. Aqui, já estão em aulas desde o princípio do mês. É tudo tão natural!

HOSPITALIDADE — Mais uma daquelas palavras raras hoje em dia!

A sociedade actual ensina-nos a ser egoístas; ou cada um se vai tornando egoísta, influenciado pelo meio onde está inserido e que também ajuda a ser o que é a própria sociedade.

Há ainda outros que praticam uma falsa hospitalidade, porque o fazem com vista a lucros futuros, o que de outro modo não o fariam.

A verdadeira hospitalidade existe quando cada um faz de si e do que tem um hospital, isto é, ajuda quem precisa de auxílio.

Muito gratos ficamos (eu, principalmente), aos enfermeiros, médicos e demais pessoal da Clínica de Ortopedia dos H. U. C., Bloco Hospitalar de Celas, onde fui internado e operado. Não só eu, como, também, outros doentes — que estão ou estiveram ali internados — com os quais lá passei uma temporada e criámos relações de amizade.

Não foi a primeira vez que estive internado. Há anos atrás, foi mais tempo, com outro problema de saúde. No entanto é sempre agradável sentir-nos amparados na doença, haver alguém que ajude a esquecê-la, nos acuda quando estivermos mais aflitos, ou simplesmente nos infunda a coragem necessária para sobrepor um passo mais difícil.

Pude notar isso ao longo dos dezas-

sete dias de tratamento. Deu-se até o caso do meu aniversário ao quinto dia de estadia. Não tinha pedido nada, nem mesmo me disseram algo que fizesse suspeitar da surpresa que me preparavam! Começou com uma jarra de flores na mesinha de cabeceira e só mais tarde soube quem tinha sido. Depois do almoço, chamaram-me para entrar no refeitório, que já tinha sido limpo. Na primeira mesa vejo um bolo com duas velas, uma com um dois e outra com um 0 e votos de felicidade, iniciativa de duas empregadas, de serviço aos doentes, que foram, naquela manhã, encomendá-lo. Coisas simples que nos tocam pela sua delicadeza e humildade. Por isso, agradeço a todo o pessoal de serviço — enfermeiros e médicos da Clínica onde estive internado — verdadeiros hospitais dentro dum Hospital.

VIDA FAMILIAR — Muita gente julga que, aqui em Casa, somos todos uns «santinhos» — como é hábito dizer-se — e que não fazemos mal nem a uma mosca. Não somos! Quem assim pensa esquece, porventura, que muitos de nós somos apontados pela sociedade, por isto ou por aquilo; e a maior causa: nem todos temos lugar nessa própria sociedade. Cada um de nós traz os seus próprios problemas e aqui não há nenhuma máquina em que se ponha o rapaz-problema num sítio e saia santo do outro lado. Essa tarefa cabe ao tempo, à lenta evolução e reintegração do rapaz na sociedade, através duma vivência em família, que, por ser família, também tem os seus problemas.

Três dos nossos — de quinze, dezasseis e dezassete anos — roubaram grande quantia de dinheiro e fugiram. Dois deles vieram mais cedo, pela Polícia; sem dinheiro, mas com um monte de coisas compradas. O outro esteve preso dez dias e mandaram-no embora, também já sem dinheiro.

Cada um deles recebeu o seu castigo, porque culpados e para exemplo de todos. Era o roubo; a facilidade de se transformarem em mais três dos muitos enclausurados nas cadeias e das quais já tiveram aviso; houve falta, e grave, porque sabiam que era mal e estavam a prejudicar todos os outros que fazem parte da sua família. Mas não eram só eles os culpados. A própria rua donde vieram, ensinou-lhes muitos vícios dos quais ainda

se não libertaram. Essa mesma rua que lhes está no sangue e dá a possibilidade de gastarem grandes quantias de dinheiro, rapidamente; e, assim como eles, outros fazem na mesma, infelizmente!

Ainda há muito mal a banir para ficarmos descansados. Por ora vamos procurar ajudar estes três a serem mais três... — mas dos nossos.

TIPOGRAFIA — Atenção, Amigos! A nossa tipografia está a ficar construída. Já temos máquinas e rapazes que sabem trabalhar com elas. Agora, esperamos que nos façam encomendas. Contamos convosco!

Chiquito-Zé

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● No reino dos Pobres nem sempre a miséria apaga o desejo de promoção e integração social.

Em tempo, alertaram-nos para uma família quase destrozada pelas cabeçadas do pai — não fosse a linha de rumo da mãe, qual mulher forte do Evangelho!

Conhecemos o indivíduo desde miúdo, adoptado por um casal de rendeiros, tendo a mesma vida e regalias dum filho natural. Rédeas seguras e poucas horas de lazer para sobreviverem pobres, mas dignamente. Enxada, foice, charrua, tesoura de poda, junta de bois... Campos, vinha, estábulos... O trabalho era a lei! Uma família tão séria que, chegada a velhice, para além da magra pensão dos rurais, pouco tinham aforrado.

Um dia, porém, o moço dá passos em falso, cai sob a alçada da lei e os pais actuam com discernimento — como se fossem letrados!

Por lá, o jovem fez-se homem. Conheceu novos mundos. Recuperou. Constituiu família.

Mas, entretanto, dá novo passo em falso! Durante o tempo em que ele cumpria a segunda pena, a mãe cria os filhos com muito amor, estabiliza o lar com o salário de mulher-a-dias

e a permanente ajuda dos nossos Leitores, sempre com um porte digno, exemplar.

O marido regressa. Está largos meses desempregado. É tão difícil, nesta fase de recessão, conseguir um posto de trabalho! Não pararam...! Até que foi admitido numa empresa e o lar torna à normalidade!

Aqui chegados, poderíamos ser nós imediatamente a interrogar... Ela adiantou-se com delicadeza e alma cheia:

— O meu homem já trabalha! Ganha o suficiente. Agora, podemos dispensar a ajuda, graças a Deus...!

A jovem mãe disse mais, muito mais — qual anjo do lar!

É verdade: No reino dos Pobres nem sempre a miséria apaga o desejo de promoção e integração social!

PARTILHA — Abrimos com a presença duma Viúva, assinante 2838, radicada na Alemanha, cuja presença — em diáspora — revela um estado de espírito, infelizmente, universal:

«Aqui vão estes marcos, donde tireis o que for necessário para a Conferência de Paço de Sousa.

Para este ou aquele Pobre? Não sei nem quero indicar — escolher. Como sei eu quem mais precisa? E se todos — tantos! — precisam, como posso escolher?!

Como poupei o mais que pude no gasto da água e aquecimento, guardei esta quantia (antes que se «evaporasse»...). Naturalmente muito pouco, eu sei, e quantas vezes desejo enviar mais, porém o medo (mais medo do que egoísmo) retém-me. Até quando?...

Recebo uma pequeníssima pensão de direito pela morte de meu marido e o resto é-me dado pela Assistência Social. Não sou alemã, mas imigrante (e de imigrantes estão eles «cheios»...). Além disso, uma imigrante que nunca deu lucro, mas sim muita despesa. Tenho medo...

Já não sou nova e a saúde é escassa. Confesso que tenho medo... da vida. Não é propriamente da velhice, não; mas da velhice doente e solitária. Se isto é egoísmo... então sou egoísta. Sempre pensei que não era!»

O resto, que não revelamos, qual Oração espontânea dirigida ao Pai do Céu, já de si é o Caminho (estreito) que Ele indica a todos nós.

Agora, vem lá «Uma portuense qualquer» pedindo «imensa desculpa de mandar, com todo este atraso, a migalhinha relativa a Agosto para a Conferência de Paço de Sousa. Penitenciando-me da falta, junto a de Setembro, acrescida da «multa» de 500\$00. Seguem 2.500\$00».

Assinante 31782, de Escalhão: «Este ano a pequena ajuda vai mais cedo, por precaução. Estive doente e como não sabemos o dia que Deus nos chama, mando já para meu descanso...»

Assinante 17258, de Baguim (Rio Tinto), o habitual cheque «para a Viúva». Assinante 9708, de Coimbra, 500\$00 «para auxiliar uns velhinhos protegidos pela Conferência de Paço de Sousa». Cheque dum Amigo da Rua das Flores, Porto, «sufragando a alma dos que me são queridos». Assinante 13171, de Nelas, faz uma

viagem de sete dias com o marido, e deixa mil escudos para os nossos Pobres, acrescentando: «Cada vez que leio o nosso querido «Famoso» sinto-me confragida e penso mandar logo uma migalhinha. Porém... o tempo vai passando e falho nas minhas boas intenções. Que Deus me perdoe estas omissões».

Remanescente de contas, pela mão da assinante 11986, de Santo Amaro de Oeiras: «Ponham no saco dum centeno para um Pobre». Em vale de correio, «a partilha de Setembro, com saudações fraternas» duma «Assinante de Paço de Arcos», cuja perseverança nos sensibiliza, quanto mais os Pobres! Cheque e o mais, da assinante 26403 — em completo anonimato. Assinante 113, do Porto, «uma achega para as numerosas necessidades que socorrem». Lisboa, assinante 29845, 2.000\$00 em carta muito discreta, cuja amizade se consubstancia numa saudação: «Deus vos abençoe».

Para o caso referido na edição de 14 de Setembro, um vale de correio da assinante 37159, da Maia. A remessa habitual da assinante 19177, do Porto, e uma linha de rumo: «É nosso dever ajudarmos-nos uns aos outros. Enquanto for viva (tenho 78 anos), podem contar com a mentalidade». Cheque redobrado, da assinante 31104, da Capital, sempre atenta aos problemas referidos nesta coluna. Outro, da assinante 9566 — «vicentina há muitos anos» — que manda «um abraço» já retribuído, «e um conselho: nunca se arrependam do bem que fazem e continuem sempre com mais ânimo, se possível». Pois tem um gosto especial, «por sermos oficiais do mesmo ofício». Deus lhe pague!

Uma carta fumegante da assinante 17001, do Porto, não esquecendo, entre tudo o mais, referir que «o resto... é para a Conferência de Paço de Sousa», cuja acção se desenrola sob a invocação do Santíssimo Nome de Jesus.

Mais sobras! Quem nos dera que todas elas, em todo o Mundo — a Caridade é universal — fossem encaminhadas para o reino dos Pobres! Teríamos um Mundo Melhor. Assim interpreta a assinante 15340, e, pressurosa, vem ao encontro duma carência referida oportunamente.

Marília, de Pedras Rubras, aparece uma vez por outra; agora, em sufrágio «da alma de pessoa de família, com um cheque de 1.000\$00 para ajudar as necessidades da Conferência de Paço de Sousa».

Fechamos a procissão com um gesto sagrado. O sobrescrito vem do Porto. As notas do Banco de Portugal (200\$00) cintadas com papel branco e uma legenda que transparece beleza cristã, pela delicadeza, pelo anonimato: «De um acerto de contas para as dores da Conferência de Paço de Sousa».

Em nome dos Pobres — porque recoveiros deles — endereçamos a todos o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes



Mais uma perspectiva das estruturas da oficina-escola gráfica da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.



AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

uma ignorância crassa, de bradar aos céus! O que observamos é deveras confrangedor. Não se sabe nada de nada ou pouco mais de nada. Há alunos adiantados na escolaridade (melhor diríamos atrasados) que não sabem a tabuada, desconhecem uma regra de três e não são capazes de operar com fracções; outros que pensam que os morcegos são aves; muitos que ignoram as noções mais elementares de Geografia ou de História ligadas à Terra onde vivem e nasceram, para, talvez, papaguear normas da estrangeira, sem interesse de maior.

Mas, onde a ignorância é calamitosa, com graves repercussões em todo o processo instrutivo, é no cultivo da língua materna, escrita e falada. Muitos, incluindo não poucos mestres (?), não sabem redigir uma carta. O vocabulário é paupérrimo e a sintaxe não existe. Os erros multiplicam-se e os sinais ortográficos não têm apli-

cação. Se não se sabe falar, a escrever, isso então é que é, como se cita no princípio!

Sem vocabulário e sem capacidade de interpretar um texto qualquer, seja de que matéria for, não é possível aprendê-la e, muito menos, de expor qualquer assunto. Quer dizer, logo, que não tendo o mínimo de conhecimento de português, um aluno, à partida, fica seriamente limitado nas suas faculdades de aprendizagem. Talvez fosse isso o que pretendiam certas pessoas, ao discutir se se devia ou não passar o diploma da 4.ª classe a quem apenas sabia fazer o nome!

A invasão das telenovelas trouxe também sérias consequências na linguagem corrente, pelo servilismo nas expressões, dadas como moda ou bom tom. «Estou numa boa», «oh cara», «oh meu» são exemplos correntes, para lá dos «entretantos» e dos «portantos» e dos «finalmentes», repetidos a propósito de tudo e de nada; numa auto-destruição da língua materna, que em vez de enriquecer-se se deixa colonizar. Vejam lá se percebem: «Estás com essas tangas mas é tudo girassois»...

Grave, mesmo muito grave, pelas sequelas nefastas que traz, a exigir cuidados especiais dos responsáveis da Rádio e da

Televisão, é a ignorância da língua pátria por parte dos locutores e apresentadores de programas. Com frequência as frases são mal construídas ou as palavras deficientemente pronunciadas. Como o sempre jovem Fernando Pessa sugeria, há tempos, àqueles que quisessem seguir a carreira profissional por ele abraçada, diríamos: «Aprendam português». Na verdade, se assim fosse, não seria possível ouvir a expressão latina *sine die* como se se tratasse de inglês: [sain] [dai]! Isto para não falar daquele representante do Ministério da Educação que foi à Televisão «deseducar» os ouvintes, aplicando por três vezes «fazeria» por faria. É caso para dizer que bem «fazeria» lá não ter ido!

Ser-se responsável por uma Família destas traz-nos muitas preocupações. Saber falar e es-

Retalhos de vida

João Pedro



Sou o João Pedro Jorge da Silva. Nasci a 25 de Agosto de 1970, no Carvalho.

Vim para a Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal (Loures), em 24 de Novembro de 1977, porque a minha mãe faleceu com um cancro no peito esquerdo.

Agora, trabalho na quinta, frequento o segundo ano do Ciclo Preparatório e, na altura própria, quero tirar o curso de cabeleireiro.

Um grande abraço para todos os nossos Amigos.

João Pedro

crever não é um luxo, mas uma necessidade. A sabedoria, por outro lado, não ocupa lugar, diz o Povo. Por tudo isso gostaríamos que a população em geral usufruísse dum ensino eficiente e correcto, sinal duma promoção real, que a enriqueceria,

pois, como repetia um saudoso Professor de Matemática: «A ignorância é mãe da estupidez». Sejamos lúcidos e não queiramos fazer dos outros estúpidos.

Padre Luiz

Paço de Sousa

PRAIA — Chegou ao fim o resto das férias do turno dos vendedores d'O GAIATO e, como todos os outros, decorreu com normalidade. Fecharam a nossa época banhar!

FATIMA — Dois rapazes nossos participaram no Encontro Nacional de Convivas que se realizou em Fátima, nos dias 14 e 15 de Setembro.

Foi muito importante participarmos neste Encontro que reuniu jovens de todos os pontos do País.

Realizou-se, também, em Fátima, em 14 de Setembro, o Encontro dos Malanjinós. Participaram quase todos os gaiatos, de lá, que ora vivem em Portugal e que estiveram na Casa ou ao serviço da nossa Obra.

DESPORTO — Os rapazes mais velhos, que se interessam pelo desporto, reuniram no nosso salão de festas para eleger um novo presidente do Grupo Desportivo. O Morgado venceu por maioria.

Depois decidimos que escolheria os colaboradores para o ajudarem no importante cargo.

Entretanto, realizámos um encontro de futebol, em 21 de Setembro, com a equipa de Parada, que terminou com um empate a duas bolas.

AULAS — Começaram as aulas! Esperemos que este ano lectivo seja superior, em aproveitamento, ao do ano passado — pois alguns perderam o ano.

VISITAS — Recebemos a habitual visita dos Amigos da Efacc. Ofereceram-nos o almoço e a merenda.

Realizámos um desafio de futebol com a equipa deles e empatámos 2-2. Continuamos a receber muitas visitas nos fins-de-semana, o que sempre nos alegra, pois nós somos a Porta Aberta — para todos os Amigos.

Ludgero Paulo

ENCONTRO DE ANTIGOS GAIATOS DA ZONA CENTRO

Senhora da Piedade de Tábuas (Miranda do Corvo)

13 de Outubro

Amanhã, domingo, 13 de Outubro, realizaremos na Senhora da Piedade de Tábuas (Miranda do Corvo), mais um Encontro de Antigos Gaiatos da Zona Centro do País.

Só agora (nas vésperas...) nos foi possível marcar a data, definitivamente!

O nosso convívio tem um programa muito simples:

9,30 h — Concentração junto do Estádio Universitário, em Coimbra;

10,30 h — Celebração Eucarística;

12,30 h — Almoço (levem que lá não há...).

O resto da tarde, livres como os passarinhos: a serra para trepar, o rio para «pescar», a paisagem para contemplar — e a Amizade fraterna para cimentarmos mais e mais!

Vem daí conosco! Palmilharemos terras que serviram de tarimba a Pai Américo. Só por isto valerá a pena estares presente, tu e os teus — nós todos.

Francisco José Henriques

TRIBUNA DE COIMBRA

Uma informação aos Amigos de Coimbra e do Centro do País que ainda não tomaram consciência de que a sua Casa do Gaiato é em Miranda do Corvo ou Coimbra. Temos encontrado muitos! Não é por mal. É por não saberem. Os do Norte têm suas Casas em Paço de Sousa, no Porto, e o Calvário em Beire (Paredes). Os do Centro do País, em Miranda do Corvo e Coimbra. Os de Lisboa, em Santo Antão do Tojal (Loures) e na Capital. Os do Sul, em Algeruz e Setúbal.

Cada Casa do Gaiato tem a sua administração própria, embora todas pertençam e formem a mesma Obra. Cada um cuide dos seus.

Não tenho razões para dizer mal das gentes de Coimbra. Mas há muitos que ainda nos não conhecem! Agora, com a abertura da nova escola tipográfica espere que os nossos laços sejam mais apertados. A vossa presença e as vossas encomendas serão sinais.

Depois desta informação vamos partilhar a alegria dos que têm vindo: A mensagem escrita a acompanhar a oferta do «Tio João e Tia Prazeres»; várias visitas da senhora doente, de Cascais; ofertas em reuniões de cristãos; donativo dum grupo de Educadores Católicos; cheque de Arganil; cheque da Covilhã; Amiga, de Unhais da Serra, e também do Pároco; senhora da Lousã a recordar o marido; vale, de Valongo; vale, de velho amigo Professor; cem, em carta, do Porto; dez mil em sua casa; mil da mão de sacer-

dote e dois cheques de outro; cinquenta, em cheque, de mirandense; quarenta, em cheque, de Castelo Branco; cinco mil pelo marido e pelo filho; cheques de Pereira do Campo.

Cheques e vales: de Lisboa, Amadora, Odivelas, Vale de Chão de Lamas. Mil a vendedor, na Covilhã; lembranças das Irmãs do Hospital de Trancoso; cheque de cinco, da F. da Foz; sessenta do testamento de sacerdote vivo; cheque de Santa Cita; cheque de Tomar; casal que veio pedir as melhoras do filho; 500\$00 da Lousã; dois mil, em carta, de Souselas; as lembranças mensais de Vilar Formoso; cinco mil, em vale, do Sítio dos Poisos; mil de Lageosa do Dão; quinhentos de amiga de Tentúgal; 600\$00 de irmã de sacerdote.

Dez mil, arroz e feijão de casal de Leiria; muitas ofertas e carradas na minha aldeia; amiga de Castelões; 500\$00 ao vendedor, de Alpedrinha; 3.380\$00 de crianças da Catequese de S. Martinho do Bispo; mais latas de concentrado da Saipol; vale, de Leiria; lembrança de portuguesas que trabalham na Cáritas alemã; cheque de Pombal; turmas da Escola de Penela; peregrino, de Arganil; Amiga, de Medelim; mãos estendidas na Covilhã; Casal muito amigo de Meãs do Campo; Amiga, residente em Aveiro, veio com cheque de cinquenta; Amigo, de Anadia; alunos da Mealhada.

Visita da freguesia do Botão; jovens de Gouveia; alunos da Lousã; alunos de Avelar; Amiga, de Avelar, por alma do ma-

rido; 60.000\$00 do lucro nas bebidas da Festa da Queima das Fitas, em Coimbra. Gostei muito da conversa com os Estudantes. Cheque da Figueira da Foz; Médico, de Leiria; cheques da Mealhada; vale, de Alcains; 2.850\$00, mimos e a visita de grupo de Alqueidão; lembranças da Nogueira (Sertã); cheque de Seia; cheque da Damaia; 28.700\$00, a visita e muitos embrulhos da Catequese do Paço; Enfermeiros de Coimbra; 3.000\$00 do Povo Amigo de Bruscos; cheque do Porto; a presença do casal de Monte Formoso; 14.500\$00 dum grupo de portugueses emigrantes; o Amigo de Cebolais de Cima; a Avó de Fermentelos; o nosso casal brasileiro, de visita; Senhora, de Miranda do Corvo; Engenheiro, de Lisboa; cinquenta, em vale, da Póvoa de Varzim; mãos dadas em S. Pedro de Muel; senhora, sempre amiga, em Monte Real; visitantes, de Cantanhede; a visita dum meu conterrâneo; Amiga, de Brasfemes; mil, de promessa, de Lagos; lembrança de casal, de Elvas; a oferta feliz da senhora de restaurante da Figueira da Foz; vários tome-lá num casamento. Cheques, vales e cartas de Castelo Branco.

Todos os que passaram pela Casa do Castelo — em Coimbra — e deixaram cartas, cheques, embrulhos; todos os que se deslocaram ao nosso Lar, na Cumeada (Coimbra), e entregaram ou deixaram na caixa do correio; todos os que vieram de muitos modos. Bem hajam!

Padre Horácio

Cont. da 1.ª pág.

de se manifestar o corpo. Para que tudo quanto se fizer, esteja defendido da banalidade, já que as formas de homenagem as temos de ir buscar àquelas humanas com que somos capazes de exprimir-nos. Para tanto é necessário um esforço de conversão ao Evangelho de todos os que queremos ser participantes vivos na celebração da sua memória e dignos dela.

Deus nos assista; e estes dois anos que nos separam dos cem de Pai Américo, sejam para os seus discípulos e amigos e devotos, tempo de aprofundamento no Evangelho. Assim encontraremos, com certeza, a água límpida e pura da simplicidade.

● A outra efeméride, que ocorreu em 3 de Outubro, é um marco do percurso que preparou o Américo para o nascimento sacerdotal: Fez sessen-

ta anos que entrou no Seminário de Coimbra.

Dois anos antes fora Tui, e logo Vilarinho de Ramalhosa, o seu destino — caminho que o senso humano indicava, mas não era o projecto de Deus. Sim, não é de estranhar este primeiro passo para os Franciscanos, conhecendo-se a paixão que sempre uniu Pai Américo ao «Pobrezinho» de Assis.

Passados tantos anos, tantos acontecimentos, ocorre-me se este passo, aparentemente frustrado, não esconde um sinal, um desses «sinais dos tempos» para que João XXIII chamaria a atenção da Igreja em vésperas de Concílio Ecuménico.

O facto de Pai Américo ter sido recusado por uma Ordem e ordenado para o serviço de uma Diocese; de anos mais tarde ter reunido a si outros padres de várias Dioceses — não estorvou a realização do seu chamamento específico, mas veio a pôr-lhe o problema de um Instituto próprio cuja missão fosse a Obra da Rua. Pois não desejando este caminho, também Deus nunca lho deparou; nem depois da sua morte, o deparou.

Ora, se «a evangelização dos Pobres» é um sinal do Reino de Deus e o serviço dos Pobres um cuidado constante da Igreja Universal desde os seus primórdios, também as Igrejas Particulares que são as Dioceses,

não o enjeitam como tarefa menos própria nem descu-ram este serviço. Pelo contrário, o padre diocesano é sempre um agente desta pastoral entre as muitas acções que lhe são confiadas ao serviço do Povo de Deus. E se a extensão deste serviço não consente a todos uma dedicação exclusiva aos Pobres, é bem que alguns deles, marcados pelo dom de Deus, se consagrem a esta missão, unidos ao presbitério, representantes de todo o presbitério, testemunhando, pela entrega das suas vidas, a preocupação que está no coração de todos.

Por isso a Pai Américo não sorria a ideia de um Instituto próprio. Antes queria ser da Igreja, do Papa, dos Bispos. E já que, por designio Providencial, não nasceu sacerdote no seio da Ordem Franciscana, continuar até ao fim a dizer, pela vida, que há uma só vocação de Deus: ao amor; ao «amor em obras e em verdade» — posto sejam acidentalmente diversas as formas de Lhe responder.

Nunca Pai Américo se julgou um singular. Sempre repugnou ser tido como tal. A grandeza que lhe reconhecemos é a dimensão que Deus lhe deu e reflecte sobre nós... para nosso estímulo!

Padre Carlos

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

Alguma coisa não está bem nas leis que emanam do nosso ilustre Parlamento!

■ Um grupo organizado de rapazes (talvez com um adulto a manobrá-los), há cerca de dois anos pede indevidamente nas ruas, casas, hospitais e escolas para a Obra do Padre Américo.

Pedir, neste caso, é igual a roubar pessoas desprevenidas. Fazem-no, tranquilamente, apesar da nossa comunicação à Imprensa, à Rádio e à competente Autoridade!

De algures, o mesmo disco: «Sabe?, são menores...»

Ora, mora aqui o problema. Dá impressão que a Autoridade actua simplesmente no sentido repressivo. Acaba aqui a sua estrada. É pena!

O bem que fariam milhares de «agentes», se orientados ao maior bem das pessoas, à ajuda numa linha de educação e bem comum! Tarefa difícil! Mas que poderia ser uma paralela da manutenção da ordem.

Que tristeza ver a nossa civilização mais afadigada no caminho das «coisas» e do «ter» do que no do Bem e educação do Homem...!

■ Eleições é o tema.

Há dias, na hora das palavras, um pai de família levantou-se e fechou; e um grupo de jovens, num pequeno bar, foi embora, simplesmente. Isto nos parece muito grave.

De facto, não vemos respeito mútuo, concórdia e um esforço comum para o bem de todos. Cada um é o melhor e o único...

Novos Assinantes de O GAIATO

Hoje, a maior percentagem dos novos Assinantes provém do interior do País!

A disposição dos nossos Amigos permanece inalterável! Espalham O GAIATO por todo o lado, entre pessoas de família, companheiros de trabalho, de lazer... E exultam: «Tenho a alegria de lhes vir dizer que incluem mais uma amiga no número dos Assinantes d'O GAIATO.»

Que dizer dos que chegam até nós pelo seu pé, inscrevendo-se na Família de Assinantes? Aveiro:

«Venho concretizar o desejo de me tornar assinante d'O GAIATO. Sou assidua leitora, além de grande admiradora da Obra da Rua.»

e tenta prová-lo numa luta, até, por vezes, pouco respeitosa.

O grande baralho de palavras e ideias gerou frustração e desesperança. É tempo de lavrarmos a terra e pormos a semente da concórdia e bem comum. Germinará? Quem abrirá os botões em flores para nós sorrirmos? Só Deus sabe.

Que Ele nos ajude a encontrar, de novo, o rumo de Seus caminhos.

Padre Telmo

Um carinho especial aos «Batatinhas...»

Outros, que nem sempre to-pam, em várias localidades, os nossos pequenitos distribuidores do jornal, não perdem tempo — como esta poveira:

«Vou enviar cinco mil escudos... Costumava receber O GAIATO à porta da igreja..., mas como agora não está, enviem-mo através do correio...»

No meio da procissão, alguns dos que vieram formalizar a inscrição pelo seu pé, desejam saber as condições da assinatura. Um escrúpulo natural e vulgar para outras publicações. Aqui, não! Apesar do preço figurar no cabeçalho — por força da lei — a verdade é que O GAIATO «não tem preço» — afirma Pai Américo; e acrescenta: «Não faz cobrança. Não é de facções. Não tem política. Ama e faz amar. O Amor é comunicativo!»

Tão comunicativo que, no conjunto, poucos esperam o que não fazemos — cobranças — e mandam o que entendem, como e quando acham por bem; seja por cheque — meio prático e seguríssimo — seja por vale de correio. No entanto, já que nos abeiramos dos 36.000 Assinantes, as remessas — qualquer remessa — precisam de ser acompanhadas dos necessários dados: o nome e o número da assinatura, ou assinaturas, marcados no endereço do jornal — para o

Os leitores d'O GAIATO deram conta, pelo último número, da Conferência Vicentina do Lar do Gaiato do Porto. É formada por um grupo de casais gaiatos que decidiram tomar ao seu cuidado a sorte dos Pobres que visitam. Trata-se de um acontecimento importante. Pai Américo quis, desde o princípio, que os rapazes nunca se desligassem dos Pobres. Quando ia por eles, ao Barredo e outros lugares da mesma categoria, levava o rapaz consigo. Pai Américo sabia muito bem, pela sua própria experiência, que o Caminho dos Pobres é o Caminho das Alturas. Ele queria que os seus rapazes, vindos do charco da miséria, subissem muito alto. Agora, que estavam salvos, era preciso que se mantivessem de pé. Facilmente o coração é agarrado pela vaidade; facilmente cai na tentação de se fechar; facilmente é invadido pelo medo de dar porque, quando dá, julga que perde. Sim, é preciso que pelo coração de cada rapaz passe a força que vem do sofrimento do Pobre que não tem que comer; que não tem cama nem lençóis lavados; que não tem leite nem pão; que não tem roupa para vestir, nem calçado para os pés; que não tem dinheiro para os remédios porque não tem trabalho; que não tem um tecto para se cobrir. Sim, o rapaz que, agora, tem tudo isto, há-de manter-se de pé indo aos Pobres. Há-de manter o equilíbrio nas alturas em que se encontra. Há-de apreciar o que tem, vendo aqueles que nada têm. Há-de manter-se amigo e irmão na sua Comunidade, dando a mão ao Pobre que dela precisa. O Caminho do Pobre é Caminho de educação. Pai Américo quis que a Conferência Vicentina não faltasse nas Casas do Gaiato; Conferência Vicentina formada

e orientada por eles. Quem diria? O que veio do nada a dar a mão aos que nada são e nada têm! A força do Pobre! Pai Américo não se continha: «Levo tão pouco e venho tão cheio!» Frederico Ozanam e seus primeiros companheiros de Universidade encontraram-se felizes quando descobriram o Caminho do Pobre. E nasceram, assim, as Conferências Vicentinas. Que maravilha fazer a partilha de bens!

A Madalena, esposa do nosso Zé Lemos, tem ao seu cuidado um casal e 5 filhos. Outros dos nossos casados, membros da Conferência Vicentina do Lar do Porto, tomaram sobre os seus ombros a cruz de outros. Desta vez, fui com a Madalena lá para os lados do Bairro de Miragaia com duas camas na carrinha e mais dois colchões, que os filhos não tinham cama para dormir. Sei que são multidoes, mas vamos acendendo uma luz pequenina a apontar caminho a tantos e tantas que não vivem a alegria de comungar com os Pobres o pouco ou muito que têm. Subimos as escadas e a Madalena, já conhecedora de todos os cantinhos, mesmo os mais escuros, ia-me dizendo: «Cuidado com este degrau que está partido! Agora, por aqui...». É que, de verdade, as escadas, na escuridão, eram um perigo. Por ali sobem crianças e adultos; pequenos e grandes... Ah!, quem está habituado a viver sem dificuldades e não desce aos tugúrios; quem não fala aos seus filhos destes filhos que vivem sem cama e sem pão e têm de subir escadas na escuridão, perdem o Caminho das Alturas. Por isso Pai Américo quis que os seus filhos em cada Casa do Gaiato se juntassem e fossem aos Pobres.

Padre Manuel António

nosso serviço ser eficaz. Ai de nós se não procurássemos um mínimo de organização!

Ficamos por aqui. Não sem dar uma larga vista d'olhos pela enorme procissão. Vemos gente do Porto, de Lisboa, do Minho ao Algarve e além fronteiras: Escusa (Ponte de Sor), Cuqueira (Vieira do Minho), Espinho, Tavadre, Cebolais de Cima, Santa Comba Dão, Póvoa de Varzim, Cascais, Tondela, Cardigos, Vila Nova de Gaia, Aveiro, Torres Vedras, Vilela (Paredes), Alcobaca, Custóias, Pinhão, Freixianda (V. N. Ourém), Rio Tinto, Marrazes, Torres Novas, Sesimbra, Foz

do Sousa, Perafita, S. João da Madeira, Sernancelhe, Almada, Mira, Leiria, Cartaxo, Carrazeda de Ansiães, Coimbra, Gandra (Valença), Tavira, Mem Martins, Loures, Macedo de Cavaleiros, Ossela (Oliveira de Azeméis), Gafanha da Encarnação, Leça da Palmeira, Grândola, Telões (Amarante), Valbom (Gondomar), Pindelo (Oliveira de Azeméis), Marecos (Penafiel), Vila Cova da Lixa, Oliveira de Azeméis, Jazente (Amarante). França: Tourcoing, Pointe St. Mascence e Chichy. África do Sul: Vereeniging.

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel